

REFLEXÕES DE PIERRE ANSART SOBRE O SOCIALISMO LIBERTÁRIO DE PROUDHON

Reflections by Pierre Ansart on Proudhon's Libertarian Socialism

Christina Roquette Lopreato¹

RESUMO

Na produção acadêmica de Ansart (1922-2016), nota-se uma dedicação de longa duração à análise crítica dos escritos do pensador-ativista anarquista Pierre Joseph Proudhon (1809-1865). Cativado pela leitura dos textos de Proudhon e pela sua capacidade de imaginar um outro mundo possível, cujo alicerce das relações sociais seria a justiça, isto é, a igualdade de condições para todos, Ansart construiu uma análise sociológica inovadora sobre a força crítica da extensa obra prudhoniana com proposições instigantes e ousadas que distanciam Proudhon dos seus contemporâneos socialistas utópicos e comunistas.

Neste ensaio, apresento algumas reflexões de Pierre Ansart sobre o socialismo libertário prudhoniano, com ênfase nas paixões e sentimentos que pulsam na obra de Proudhon, como aversão à propriedade, ódio à autoridade, amor à liberdade e anticlericalismo.

Palavras-chave: socialismo libertário mutualista, afetividades sociais e políticas, crítica ao capitalismo.

ABSTRACT

Pierre Ansart (1922-2016) dedicated much of his academic production to the critical analysis of the writings of anarchist thinker-activist Pierre Joseph Proudhon (1809-1865). He was captivated by these texts and their ability to imagine another possible world where social relations would be founded on justice, that is, equality of conditions for all. Ansart, thus, built an innovative sociological analysis of the critical force of the extensive

¹ É professora aposentada do Instituto de História na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: chrislopre@gmail.com.

Proudhonian work and its thought-provoking and bold propositions that distance Proudhon from his utopian socialist and communist contemporaries.

In this essay, I present some reflections by Pierre Ansart on Proudhonian libertarian socialism with emphasis on the passions and sentiments that pulsate in Proudhon's work such as repulsion to property, hatred of authority, love of liberty and anticlericalism.

Keywords: libertarian mutualist socialism, social and political affections, critique of capitalism.

Introdução

Na produção intelectual de Pierre Ansart (1922-2016) destacam-se escritos sobre os afetos políticos. Em suas investigações, sublinhou que as atitudes afetivas são permanentes na vida social e na política, ainda que, muitas vezes, negligenciadas. Buscou perscrutar como os sentimentos interferem nas práticas políticas desde Confúcio, filósofo chinês (551-479 a.c.), considerado por Ansart um dos clínicos das paixões políticas pela importância que atribuiu aos ritos como reguladores da boa ordem das relações sociais que evitam as paixões negativas e os desvios.

A originalidade de Ansart está em alumbrar aspectos afetivos e emocionais nos seus estudos sociológicos, em como o poder político gera paixões e como a arte de governar está em saber gerir as paixões políticas. Como afirma Pierre Fougeyrollas em seu texto-homenagem a Pierre Ansart, “saber administrar as paixões é saber reinar”.² (FOUGEYROLLAS, 1992, p. 15).

Ansart transita com maestria por diferentes áreas do conhecimento, como a sociologia, a filosofia, a história, a antropologia, a psicanálise e a literatura, colocando-as em diálogo. Ao jogar luz sobre as emoções, os sentimentos e as paixões políticas, constrói o arcabouço teórico do que poderíamos chamar de sociologia das afetividades.

2 “Savoir gérer les passions politiques, c'est savoir régner”. As traduções do francês foram feitas pela autora.

Em sua abordagem da gramática dos afetos, postula que as paixões pulsam com mais intensidade em períodos de transformações, de mudanças intensas, como as que foram vivenciadas na França no século XIX. As paixões populares excitadas alimentaram a energia revolucionária de 1789 que resultou na queda do regime monárquico e colocou em cena um novo ator social: o povo nas suas. Uma nova sensibilidade política emergiu com a Revolução Francesa e possibilitou a inserção do sujeito no coletivo e uma nova articulação do indivíduo com o poder, não mais representado na figura do rei.

Tempos de transformação na França, de início da industrialização (Ansart data 1815), ainda que incipiente, de mutações na vida política, de períodos conturbados, de conflitos em que se reforçam, mais claramente, os medos, as hostilidades, os ódios ou as paixões hostis, no dizer de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Livre pensador, conquistou a admiração de Ansart, que se dedicou à análise acurada da vasta obra prudhoniana e sobre ela publicou três livros e mais de 50 artigos³ que ganharam notoriedade pela densidade da reflexão crítica e das contribuições inovadoras.

O encontro intelectual de Pierre Ansart com Proudhon se deu quando ele estava à procura de obras sobre Marx e se surpreendeu ao ler as condenações de “pequeno burguês” e “socialista utópico” atribuídas a Proudhon. As imperfeições arroladas o instigaram a conhecer a obra prudhoniana e a confrontá-la com a de Marx. Foi em meio às “trovoadas da guerra”, na primavera de 1942, que Ansart leu, pela primeira vez, um livro de Proudhon. Até então, só conhecia o famoso slogan “a propriedade é o roubo”. O acaso o fez escolher o livro *O Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*, texto-pivô da querela Marx-Proudhon, que perdura até os dias de hoje. As desqualificações aguçaram o seu interesse em conhecer com mais profundidade o discurso-ação de Proudhon.

Foi no convívio com Georges Gurvitch (1894-1965) – estudioso da obra de Proudhon, considerado um teórico da ação e das resistências e um dos fundadores franceses da sociologia contemporânea juntamente com Saint-Simon (1760-1825) – que Ansart aprofundou os estudos sobre os escritos de Proudhon. Sociólogo e jurista russo, Gurvitch fez carreira universitária na Sorbonne, onde foi professor e orientador da tese de doutorado de Pierre Ansart, incentivando-o a estudar não somente Marx e Proudhon, mas

3 Cf. *Bibliographie Proudhonienne*, www.acratie.eu/anarprou. Acesso em 21/3/2022.

também Saint-Simon como ponto de partida para melhor compreensão das análises sobre o desenvolvimento industrial na França, as relações de classe, as novas formas de poder e o papel das ideologias e das religiões. Tal como seu mestre Gurvitch, Ansart também se debruçou sobre as contribuições de Saint-Simon para a sociologia francesa, mas dedicou especial atenção aos escritos de Pierre Joseph Proudhon, autodidata que o cativou com sua fonte inesgotável de reflexão sobre “o grande livro social no qual todos os elementos interagem”⁴ (PESSIN e PUCCiarrelli, 2004, p. 74).

Na produção acadêmica de Ansart, nota-se uma dedicação de longa duração à análise crítica dos escritos de Proudhon. Seu primeiro livro, intitulado *Sociologie de Proudhon*, foi publicado em 1967, seguido de *Naissance de l'anarchisme: esquisse d'une explication sociologique du proudhonisme*, em 1970, e de *Proudhon: textes et débats*, em 1984. Enquanto presidiu a Société P.-J. Proudhon, entre 1986 e 1993, organizou vários colóquios sobre diferentes temas em Proudhon e, já beirando os 90 anos, participou, em 2011, da elaboração do *Dictionnaire Proudhon* com três verbetes: classe social, sociedade e revolução.

Cativado pela leitura dos textos de Proudhon e pela sua capacidade de imaginar um outro mundo possível, cujo alicerce das relações sociais seria a justiça, isto é, a igualdade de condições para todos, Pierre Ansart construiu uma análise sociológica inovadora sobre a força crítica da extensa obra proudhoniana, com proposições instigantes e ousadas que distanciam Proudhon dos seus contemporâneos socialistas utópicos e comunistas. Dentre eles, Saint-Simon, Fourier, Louis Blanc, Pierre Leroux, Villegardelle e Etienne Cabet, aos quais Proudhon se contrapõe por não se oporem ao regime de propriedade e por reforçarem o poder centralizador do Estado. Proudhon sai em defesa das classes desfavorecidas, e sua obra tem, no dizer do Ansart, uma “vocação militante e constitui uma acusação apaixonada contra a sociedade da propriedade privada e contra as autoridades opressoras”⁵ (ANSART, 1967, p. 13).

Neste ensaio, apresento algumas reflexões de Pierre Ansart sobre como as paixões e os sentimentos pulsam na obra proudhoniana, tais como aversão à propriedade, amor à liberdade e à justiça, ódio à autoridade e anticlericalismo.

4 “.. le grand livre social dans lequel tous les éléments interagissent”.

5 “Toute son oeuvre a une vocation militante et constitue un réquisitoire passioné contre la société de la propriété privée et contre les autorités opprессives”.

A verve afiada de Proudhon

Nascido em Besançon, em 15 de janeiro de 1809, no seio de uma família de artesãos, Proudhon teve sua vida marcada pela origem rural e humilde e pelo espírito de independência que gozava um *franc-comtois* frente aos senhores e ao poder real. Ainda criança, defrontou-se com a miséria de uns e o luxo de outros na escola e se deu conta da injustiça social que o marcou profundamente. Das experiências de humilhação “Proudhon conservou uma visão permanente da desigualdade fundamental das condições individuais e sociais entre os detentores de bens e os proletários, entre os dominantes e os dominados”⁶ (PESSIN e PUCCiarelli, 2004, p. 118).

Em razão de dificuldades financeiras, abandonou a escola aos 19 anos e, durante 10 anos, trabalhou numa tipografia, inicialmente como compositor e, depois, como corretor. Na lida tipográfica, dedicou-se a estudar Adam Smith, Fourier, Hegel, Kant, leu a Bíblia, entre outros livros, em busca de soluções para os problemas sociais da realidade que vivenciava. Em 1838, ganhou uma bolsa de estudos da Academia de Besançon e lá escreveu *Premier Mémoire: Quest-ce que la propriété? Ou Recherches sur le principe du droit et du gouvernement*, publicada em 1840, na qual afirma que “a propriedade privada é o roubo”, slogan que se tornou célebre, incomodou a burguesia e o levou à perda da bolsa de estudos em 1842. Frente às dificuldades financeiras que o acompanharia ao longo da vida, abandona, novamente, os estudos e, em 1843, vai para Lyon trabalhar na pequena sociedade dos irmãos Gauthier, dois ex-colegas de turma que montaram um negócio de transporte fluvial .

Em sua estadia em Lyon, Proudhon conheceu a produção artesanal de seda, em que não havia distinção entre o trabalho de direção e o de execução nos ateliês. Ainda que a função de direção conferisse uma responsabilidade particular, não afastava o trabalhador do fazer artesanal. Esse modelo manufatureiro-artesanal em Lyon, em que o trabalho era uma atividade coletiva, excluía formas individualistas de produção e de apropriação e preservava a autonomia do grupo produtor, ofereceu o modelo de organização que inspirou a elaboração teórica de Proudhon sobre o anarquismo mutualista, como assinalou Ansart no seu livro *Naissance de l'anarchism: esquisse*

6 “Proudhon a conservé une vision permanente de l'inégalité fondamentale des conditions individuelles et sociales entre les détenteurs de biens et les prolétaires, entre les dominants et les dominés”.

d'une explication sociologique du proudhonisme (ANSART, 1970, p. 80).

De volta à Paris em 1847, Proudhon, que se tornou conhecido pela sua verve afiada contra a exploração do trabalhador, elegeu-se com 70 mil votos para a Assembleia Nacional Francesa, na qual adentrou com a “timidez de um garoto e o ardor de um neófito”⁷ (PROUDHON, 1929, p.168), quinze dias antes de eclodir a insurreição dos 100 mil trabalhadores dos ateliês nacionais na França, em 28 de junho de 1848, duramente reprimida pelas autoridades. Absorto nos afazeres legislativos, ao tomar conhecimento da violenta repressão saiu em defesa dos insurretos afirmando que a sublevação foi produzida pela miséria e desilusão e deixou claro seu posicionamento em favor dos trabalhadores, o que irritou os demais membros burgueses da Assembleia. Registrhou, em seu livro *Les confessions d'un Révolutionnaire*, o *mea culpa* por ter se afastado das massas e falhado em representar o povo que o elegeu. Conclui que estar representante na Assembleia Nacional implicava se envolver em intrigas parlamentares, relatórios, papéis e discussões intermináveis que distanciavam seus membros dos fatos cotidianos do país.

Pelo seu engajamento em defesa dos trabalhadores, pelas suas afirmações de que “a propriedade é o roubo” e “Deus é o mal”, pela sua proposta de criação de um banco de crédito enviado ao Comitê de Finanças da Assembleia em que definiu o crédito “do ponto de vista das relações privadas é simplesmente *empréstimo*; do ponto de vista das relações sociais é *mutualismo*, uma troca. Desta troca nasce a circulação”⁸ (PROUDHON, 1929, p. 196), Proudhon foi amaldiçoado e considerado “homem terror”. “Por um tempo, fui o teórico do roubo, o apologistas da prostituição, o inimigo pessoal de Deus, um Anticristo, um ser sem nome”...“uma peste pública” (PROUDHON, 1929, p. 203 e 181).⁹

Com sua verve afiada contra a propriedade, o governo e a Igreja, Proudhon despertou oposições violentas, paixões hostis como ele denominava. Para ele, o ódio entre as classes estava crescendo, e a questão já não era mais entre monarquia e democracia, mas entre o trabalho e o capital. A questão social estava colocada e, na busca por solução, Proudhon trilhou o caminho da Anarquia.

7 “...avec la timidité d'un enfant, avec l'ardeur d'un néophyte”.

8 “...au point de vue des relations privées, est tout simplement le prêt; au point de vue des relations sociales, c'est un mutualisme, un échange. De cet échange, naît la circulation”.

9 “J'ai été, pendant un temps, le théoricien du vol, le panégyriste de la prostitution, l'ennemi personnel de Dieu, l'Antechrist, un être sans nom”... “une peste publique”.

A dialética de Proudhon

A obra de Proudhon é vasta, complexa, composta de escritos diversos (artigos em jornais, revistas, panfletos, correspondência, carnets e livros) e suscita avaliações contraditórias. Ansart alerta que “é preciso seguir os meandros, os desenvolvimentos, compreender como e por que o autor modifica sua problemática”¹⁰ (PESSIN e PUCCiarrelli, 2004, p. 63). Considera Proudhon uma “personalidade excepcional” (ANSART, 1984, p. 31). Ansart considera ser Proudhon um apaixonado pela liberdade e crítico ácido das desigualdades, seu pensamento rebelde brota de uma revolta contra a miséria e a injustiça social. Manifesta uma vontade obstinada de dialogar, de compreender e de ser compreendido, de convencer e um gosto pela polêmica em que nada faz para amainar a cólera dos opositores. Ousou abordar problemas econômicos, políticos, sociais, ideológicos e culturais do seu tempo e propor soluções libertárias, que suscitaron repulsa pelos detentores de poder e bom acolhimento pelos trabalhadores.

Ansart se propõe a investigar não somente suas ideias e formulações, mas a “interrogar sobre as razões do movimento intelectual e afetivo de Proudhon... sobre as exigências, as aspirações, as intuições e as paixões que sustentam a criatividade e as escolhas de Proudhon” (ANSART, 2018, p. 50). Chama atenção para o tempo em que ele viveu, os conflitos que testemunhou e também foi ator, tarefa necessária para a compreensão da obra de Proudhon, cujas reflexões se voltam para os problemas candentes da realidade vivenciada. A realidade social está dentro da obra.

Diante de novas dificuldades, há mudanças no seu pensamento. Proudhon afirma:

O que é verdadeiro em todas as coisas, o real, o positivo, o praticável é o que muda ou é suscetível de progressão, conciliação, transformação; enquanto que o falso e o fictício, o impossível, o abstrato, é tudo que se apresenta como fixo, inteiro, completo, inalterável, indefectível, não suscetível de modificação, conversão, aumento ou diminuição, refratário

10 “Il faut suivre les meandres, les évolutions, comprendre comment et pourquoi l'auteur modifie sa problématique”.

por conseguinte a toda combinação superior, a toda síntese. (Proudhon. *Philosophie du Progrès*).¹¹

Desse modo, como assevera Ansart, as conclusões em Proudhon são provisórias.

Pensador inquieto e escritor audacioso, Proudhon inaugurou uma nova forma de pensar, que desaloja pessoas e ideias de lugares costumeiros e ameaça o conforto do que parece dado. Na perspectiva dos seus admiradores é o iniciador de novas orientações da dialética. Ele desenvolve uma dialética pessoal na qual a síntese nunca ocorre, o que levou Marx a afirmar que ele não compreendeu a dialética hegeliana (a tríade tese-antítese-síntese). O pensamento de Proudhon se pauta por antinomias, tal como a ideia dos polos opostos da pilha elétrica que gera corrente, uma tensão entre os dois polos que não se destroem, mas estão em equilíbrio. Segundo Ansart, ele absorveu livremente e de uma maneira pessoal a “lei da antinomia” a e a “lei do equilíbrio em Kant”, assim como se inspirou na leitura de vários pensadores para formular suas próprias ideias. À dialética hegeliana, Proudhon opõe o seu método dialético, que se propõe pesquisar a diversidade nos seus detalhes, apreendida na experiência. Ele proclama que seu método é aquele “pesquisar a diversidade em todos os seus detalhes”. Isso evita o que ele chama de “subalternização dos elementos componentes”¹² (ANSART, 1984, p. 222).

Para Ansart, “a dialética de Proudhon não é somente um método de pensamento, mas a característica própria das realidades sociais... feitas de contradições múltiplas”¹³ (ANSART, 1984, p. 221). A chave explicativa pode estar na formulação de Ansart de que “o ser humano necessariamente porta em si a contradição”¹⁴ (ANSART, 1984, p. 215). Retoma a afirmação

11 “C'est que le vrai en toutes choses, le réel, le positif, le praticable, est ce qui change, ou du moins est susceptible de progression, conciliation, transformation; tandis que le faux et le fictif, l'impossible, l'abstrait, est tout ce qui se présente comme fixe, entier, complet, inaltérable, indéfectible, non susceptible de modification, conversion, augmentation ou diminution, réfractaire par conséquent à toute combinaison supérieure, à toute synthèse”, écrit-il dans sa *Philosophie du Progrès*. Trecho citado por Chantal Gaillard em “Bilan de trente ans d'activités prroudioniennes”, no número dedicado ao Trentenaire de la Société P.-J. Proudhon. *Archives Prroudioniennes*, 2012, p. 48.

12 “...rechercher la diversité dans tous ses détails.... subalternisation des éléments composants”.

13 “La dialectique n'est pas seulement une méthode de pensée mais la caractéristique même des réalités sociales... faite de contradictions multiples.

14 “L'être humain porte en lui-même, et nécessairement, la contradiction”.

de Proudhon de que “o mundo, a sociedade, o homem são compostos de elementos irredutíveis, de princípios antitéticos e de forças antagônicas”¹⁵ (ANSART, 1984, p. 225). No slogan provocador, “a propriedade privada é o roubo”, Proudhon anuncia a questão fulcral da sua reflexão: a teoria da apropriação capitalista, a contradição que rege a relação capital e trabalho, que gera desigualdade entre proprietários e não proprietários, injustiça, subordinação social e política, contra as quais ele irá se insurgir.

Proudhon se revolta contra a miséria, a injustiça, a indiferença e desenvolve uma análise virulenta sobre a questão da propriedade, debatida desde 1825 pelos chamados reformadores e que levou os saint-simonianos a formularem a teoria da “exploração do homem sobre o homem”. O inusitado em Proudhon está em mostrar como sob a aparência de um contrato livre de compra e venda de força de trabalho individual, o capitalista se apropria da força coletiva, isto é, do que é produzido pelo conjunto dos trabalhadores, o que gera uma situação econômica e social injusta e traça o caminho para a desigualdade política.

A questão do trabalho

A questão do trabalho em Proudhon está colocada desde a *Primeira Memória – O que é a propriedade?*, ao tratar da exploração do trabalho. Ele define o trabalho como um ato de criação, “a força dinâmica essencial que organiza a sociedade e assegura sua existência”¹⁶ (ANSART, 2008, p. 245). Caracteriza o trabalho como uma prática social cujas funções sociais são produzir bens e satisfazer as necessidades da população” (ANSART, 2008, p. 70). Ansart atenta para o adjetivo prático que está no título do texto de Proudhon, *Études de Philosophie Pratique*, e reforça que sua metodologia se ancora em questões práticas. Proudhon, efetivamente, estuda o trabalho coletivo, sua organização e suas divisões em categorias sociais, o que leva

15 “Le monde, la société, l’homme sont composés d’éléments irreductibles, de principes antithétiques et de forces antagonistes”.

16 “... la force dynamique essentielle qui organize la société et assure son existence”.

Ansart a afirmar que ele se antecipa a Durkheim quanto à questão da divisão social do trabalho. Ele se interroga sobre a dignidade do trabalho e, a partir deste questionamento, classificado por Ansart como antropológico e psico-sociológico, em que os sentimentos coletivos e as emoções são levados em conta, Proudhon investiga sociedades descritas na Bíblia e suas diferentes formas de escravidão, “erudição onde podemos ver claramente seu gosto pelo conhecimento histórico exato e as discussões dos historiadores”¹⁷ (ANSART, 2008, p. 71). Em seu balanço, analisa a passagem do trabalho escravo para a servidão e a destruição do regime feudal pela Revolução Francesa de 1789, que torna possível a liberação das classes trabalhadoras do jugo servil.

Ao acompanhar o desenrolar do sistema capitalista de produção industrial que se instala na França no início do século XIX, Proudhon percebe as mudanças nas relações sociais e nas relações políticas e se insurge contra a exploração do trabalhador fabril. Ele inova ao mostrar a contradição engendrada pela propriedade privada, em que o trabalho coletivo resultante dos esforços individuais, isto é, o valor produzido pelo conjunto dos trabalhadores, não é restituído. O capitalista se apropria de uma mais-valia coletiva assegurada pela ficção de um contrato de salário. (ANSART, 1984, p. 43). Sua análise sobre a exploração do trabalho é uma denúncia virulenta da dinâmica capitalista fundada na propriedade privada, que instaura uma relação de subordinação social e provoca perda material, cultural e moral do trabalhador fabril, produtor de riqueza e dela privado.

Na concepção de Proudhon, o trabalho é não somente um ato individual, mas uma criação coletiva, é a força dinâmica essencial que organiza a sociedade. “O trabalho é afirmação de si, mas também manifestação do social através do ato individual” (ANSART, 1984, p. 254)¹⁸. Ansart destaca a sensibilidade de Proudhon em entrelaçar o individual e o social na sua análise crítica sobre a dinâmica do trabalho na sociedade capitalista e contra ela desferir sua verve afiada de condenação, ao mesmo tempo em que propõe alternativa fincada no socialismo libertário-mutualista.

Proudhon afrontou a sociedade em que era contemporâneo, sempre às voltas com o real na busca por novos caminhos para enfrentar as desigualdades que imperavam na nascente sociedade capitalista francesa e

17 “... érudition où l'on voit bien se manifester son goût pour la connaissance historique exacte et les discussions d'historiens”.

18 “Le travail est affirmation de soi, mais aussi manifestation du social à travers l'acte individuel”.

restituir aos produtores despossuídos do controle da sua produção o domínio de sua ação, numa nova relação econômica igualitária. Ansart mostra que “a intenção explícita de Proudhon foi sair em defesa das classes trabalhadoras e participar de uma luta política destinada a assegurar sua emancipação”. (ANSART, 1970, p. 93)¹⁹. As sociedades de socorro mútuo ofereceram a Proudhon um modelo de associações de interesses individuais criadas pelos próprios trabalhadores, de forma espontânea, sem intervenção de um poder exterior. A adesão era voluntária e consciente, e a sociedade regida pelo princípio de igualdade dos participantes. A relação de mutualidade ou de reciprocidade era constitutiva da associação, e as decisões tinham caráter coletivo. Mutualismo significa fazer ao outro o que quer que se faça para si. A interação individual e social atravessa a obra prudhoniana.

O nascimento do anarquismo

Em seu estudo sobre o nascimento do anarquismo prudhoniano, Ansart ressalta a convivência de Proudhon com os trabalhadores artesãos da seda em Lyon no período de 1843 a 1846, que influenciou sua concepção mutualista de sociedade. Os *canuts lyonnaises* são exaltados por cultivarem a dignidade no saber profissional e no fazer bem feito.

Ao modelo de grande empresa industrial, Proudhon opõe as pequenas empresas artesanais e manufatureiras e evoca a grande quantidade e diversidade de ateliês que existiam na França até 1848, agrupando trabalhadores altamente qualificados. Como postula Ansart, o modelo da indústria manufatureira lionesa de seda ofereceu um exemplo típico e particular de uma organização industrial feita de uma pluralidade de ateliês autônomos entregues à livre organização do mestre-artesão. O caráter social e coletivo do trabalho desenvolvido pelos *canuts lyonnaises* forneceu elementos para Proudhon projetar o seu modelo de sociedade libertária que valoriza a autonomia e a pluralidade do grupo produtor.

19 “L'intention explicite de Proudhon fut de prendre la défense des classes ouvrières et de participer à une lutte politique destinée à assurer leur ‘émancipation’”.

Apoia-se na prática das sociedades de socorro mútuo, o mutualismo lionês, por ser exemplar para se pensar a organização de uma produção autônoma e de um *ethos* operário construído por meio das instituições fortemente carregadas de afeto e da linguagem operária dos mutualistas, expressa pelos textos escritos, cartazes e slogans lançados ao longo das manifestações, memórias e estatutos das associações operárias. Ansart chama atenção para a *Société de Devoir Mutuel*, fundada em Lyon em 1828, por um grupo de chefes de ateliês lioneses, com o objetivo de criar entre os ateliês uma associação com vistas a melhorar a sorte dos trabalhadores. A ideia inicial foi proporcionar aos aderentes um sistema de informações recíprocas que permitiria o empréstimo de utensílios e a arrecadação de contribuições para criar um sistema de ajuda mútua fraterna e serviu de modelo para várias outras sociedades similares (ANSART, 1970, p. 101).

Inicialmente voltadas para defender condições de trabalho e de salário, as sociedades mutualistas estenderam suas atividades para além do companheirismo e se transformaram em sociedades de resistência. Na França, foram o embrião do sindicalismo e, em Lyon, se transformaram na força insurreccional dos *canuts* em 1831²⁰. Na análise de Ansart, a ação dos *canuts lyonnaises* é emblemática para compreender a sua importância como fonte de inspiração para o mutualismo prudhoniano. Para ele, é nas expressões passionais comuns aos artesãos da seda, como amor à liberdade e ódio à autoridade e o sentimento de solidariedade que grassa entre eles, que se deve buscar a significação da concepção nova de socialismo libertário mutualista criada por Proudhon.

20 Diante da recusa dos patrões em adotar o preço mínimo para a seda, os trabalhadores se organizaram, e a revolta eclodiu em novembro de 1831. Com a sua bandeira negra e o canto “vivre en travaillant ou mourir en combattant”, os insurgentes decretaram greve, tomaram o centro de Lyon, entraram em confronto com as forças repressivas, destituíram o prefeito, tomaram o poder e organizaram um comitê responsável por defender seus interesses durante as negociações. Foram derrotados com o envio de tropas do rei Louis Philippe. Mas a ação combativa dos canuts e a auto-organização em defesa dos seus próprios interesses forneceram a Proudhon o exemplo de espontaneidade na prática organizativa e força combativa das classes trabalhadoras. Cf. RUDE, Fernand. *Les révoltes des canuts 1831-1834*. Paris: Maspero, 1982.

Contra a opressão do Estado

Proudhon se posiciona contra a opressão do Estado e seu parasitismo:

Não há absolutamente nada no Estado do alto da hierarquia até embaixo que não seja abuso a reformar, parasitismo a suprimir, instrumento de tirania a destruir. E ainda falam em conservar o Estado, suas atribuições, tornar mais forte²¹ (ANSART, 1984, p. 128).

Crítico ferrenho do Estado, diferentemente de Marx e dos grupos socialistas que defendiam o princípio da autoridade política encarnada no poder centralizado, considera os governantes parasitas, pois não se dedicam à produção de bens materiais. Foi no decorrer da polêmica com os socialistas que defendiam uma nova reformulação do Estado que Proudhon formulou sua teoria da abolição do governo do homem pelo homem ao propor a abolição do Estado – mais tarde nuançada ao desenvolver sua concepção de federalismo – e da rede de apoio à sua permanência como instituição que governa a sociedade.

Na sua crítica ao Estado, sublinha que a tradição de culto e de respeito ao Estado é oriunda da ideia de que o povo, o ser coletivo, não consegue se autogovernar. Daí a necessidade dessa “constituição externa” à sociedade, uma autoridade política como recurso único contra a desordem, que Proudhon afirma ser uma ilusão, um mito. E é essa mitologia que apoia e sustenta o Estado, bem como explica, em parte, a obediência dos cidadãos, conforme o modelo que sacraliza a relação autoridade/obediência.

Proudhon argumenta que a vida social existe desde que os homens se juntaram e desenvolveram entre eles relações de troca e laços de solidariedade. A dinâmica social, portanto, antecede o Estado, que se constitui numa relação de exterioridade à sociedade. “O Estado se apropria do poder social e se separa, se distingue da sociedade real”²² (ANSART, 1984, p. 137).

21 “Il n'y a rien, absolument rien dans l'État, du haut de la hiérarchie jusqu'en bas, qui ne soit abus à réformer, parasitisme à supprimer, instrument de tyrannie à détruire”.

22 “...l'État s'approprie la puissance sociale et se sépare, se distingue de la société réelle”.

Por sua natureza estática e improdutiva, na relação de força com a sociedade, lugar de movimento e de mudança, o Estado tende a se opor ao que se mostra dinâmico na sociedade, tolhendo a liberdade e a criatividade dos atores sociais. Para ele, há uma incompatibilidade insolúvel entre Estado e sociedade, que se traduz por conflitos permanentes contra a liberdade de expressão e de reivindicação dos atores sociais, cujas manifestações são reprimidas pelas forças governamentais.

Em meio aos debates acalorados do período 1848-1850, Proudhon, que se encontrava encarcerado²³, mas com liberdade de escrever, polemiza com os democratas partidários da reforma eleitoral na França e com os defensores do capitalismo de Estado e se manifesta contrário aos comunistas, que apregoam o fortalecimento da centralização política. Nos escritos de Proudhon deste período, Ansart destaca a afirmação de que destruir a constituição exterior do poder social será a verdadeira revolução social e atenta para a sua afirmação:

Esta constituição externa de poder coletivo, que os gregos chamam de arché – principado, autoridade, governo – repousa sobre a hipótese de que um povo, o ser coletivo que nomeamos sociedade, não pode governar, pensar, agir, se exprimir por si mesma de maneira análoga aos seres dotados de personalidade individual; que, por isso, ele tem necessidade de se fazer representar por um ou mais indivíduos que com um título qualquer são supostamente depositários da vontade do povo e seus agentes. Nós afirmamos o contrário: que o povo, a sociedade, a massa podem e devem se governar por si mesma²⁴ (ANSART, 1984, p. 143).

23 Condenado, em março de 1849, por ultraje ao chefe de Estado a três anos de prisão e 10 mil francos de multa, Proudhon viveu foragido em Bruxelas e em Paris. Em 6 de junho de 1849, foi reconhecido por policiais na Gare du Nord e levado preso para a prisão de Sainte Pélagie, onde cumpriu pena por 18 meses.

24 “Cette constitution externe de la puissance collective, à laquelle les Grecs donnèrent le nom d’arché, principauté, autorité, gouvernement, repose donc sur cette hypothèse qu’un peuple, que l’être collectif qu’on nomme une société ne peut se gouverner, penser, agir, s’exprimer par lui-même d’une manière analogue à celles des êtres doués de personnalité individuelle; qu’il a besoin, pour cela, de se faire représenter par un ou plusieurs individus qui, à un titre quelconque, sont censés les dépositaires de la volonté du peuple et ses agents. Nous affirmons, au contraire, que le peuple, que la Société, que la masse, peut et doit se gouverner elle-même...”.

Autogoverno, autonomia e autodeterminação são princípios libertários que mostram a desnecessidade de um poder externo para gerir a sociedade. Proudhon se declarou anarquista no livro *Primeira Memória – O que é a propriedade?* Para ele, anarquia significa ausência de mestre e de soberano. E decretou: “qualquer um que colocar a mão sobre mim para me governar é um usurpador e um tirano: eu o declaro meu inimigo”²⁵ (PROUDHON, 1929, p. 78). Autoridade, poder, Estado, governo são palavras que designam a mesma coisa, segundo Proudhon: cada uma delas, um meio de oprimir e explorar o semelhante. Sua profissão de fé política e social se resume a três palavras: não mais Estado, não mais partido, liberdade absoluta do homem. Apregoa a anarquia como a verdadeira forma de governo: o autogoverno. Nela, o homem pensa, fala e age como um homem. Não é mais representado.

A palavra Anarquia, cujo significado político e policial está associado a desordem, confusão, bagunça, um mal que se deve combater, um termo maldito foi uma escolha deliberada de Proudhon para significar, como assevera Ansart, uma inversão social. Ou seja, sugerir a edificação de uma sociedade sem precedente histórico que está a exigir uma total inversão das estruturas sociais e mentais então existentes. Destruição/construção é o movimento que Proudhon propõe para instaurar a anarquia positiva como ele denomina. Exige uma revolução social para eliminar o sistema econômico em vigor fundamentado na propriedade privada que nutre a desigualdade e edificar a sociedade econômica igualitária, anarquista e mutualista.

Revolução social “par le bas”

Como ressalta Ansart no verbete Revolução que confeccionou para o *Dictionnaire Proudhon*, o tema da revolução social está presente em vários títulos da obra de Proudhon: *Les confessions d'un révolutionnaire, pour servir à l'histoire de la Révolution de février* (1849), *Idée générale de la révolution au XIXème siècle* (1851), *La révolution sociale démontrée*

25 “quiconque met la main sur moi pour me gouverner est un usurpateur et un tyran: je le declare mon ennemi”.

par le coup d'État du 2 Décembre (1852), *De la Justice dans la Révolution et dans l'église* (1858) e *Du principe fédératif et de la nécessité de reconstituer le parti de la révolution* (1863). São diferentes abordagens em que as revoluções aparecem como fatos históricos (1789, 1830, 1848), lembrados para compreensão de como elas se desenrolaram e delas tirar lições. Mas servem, também, para designar o movimento social dos próprios trabalhadores para criar a nova realidade social ensejada por Proudhon, que visa transformar não só o poder político, mas as relações econômicas e os modos de organização da sociedade.

Na abordagem histórica de Proudhon, em que desvelar os processos históricos é passo necessário para propor um novo modelo de sociedade, as revoluções revelaram a repetição da relação de poder e de submissão e o conflito dialético entre autoridade e liberdade. Ansart retoma a questão chave em Proudhon da propriedade, que engendra o sistema de autoridade e aponta que a relação de exploração econômica é, também, uma relação de sujeição dos não proprietários aos possuidores, que gera um conflito latente e provoca agitações do corpo social. Em situações de instabilidade, o Estado – autoridade central que tem uma relação de exterioridade com a vida coletiva – faz uso da força repressiva para manutenção da ordem como justificativa para sua atuação opressora.

A revolução social apregoada por Proudhon não consiste em mudança de personalidade política ou redistribuição dos poderes. Visa romper o sistema econômico capitalista, o poder autoritário e edificar a sociedade mutualista autogestionária regida pelo princípio da igualdade dos participantes. Será feita “*par le bas*”, pelos próprios agentes da vida social, os produtores que, segundo Proudhon, adquiriram consciência de si em 1848 e demonstraram ter capacidade política, isto é, ter consciência de si como membros de uma coletividade, ao divulgarem o Manifesto dos Sessenta²⁶, em fevereiro de 1864. Os signatários do Manifesto demonstraram ter confiança em si, no próprio valor, ao proclamarem sua vontade de lançar candidatura operária para expor

26 Os signatários do *Manifesto* anunciam seus interesses mais urgentes: direito de associação e de livre expressão e instrução primária gratuita e obrigatória para todos por acreditarem que a instrução desenvolve e fortifica o sentimento da dignidade do homem, isto é, a consciência dos seus direitos e dos seus deveres. Afiram ser o momento oportuno para colocar suas reivindicações porque desejam evitar momento de crise em que as paixões são super excitadas pelo sofrimento geral. Terminam o *Manifesto* conclamando direitos iguais para todos, ou seja, colocar em prática o que se reconhece justo em teoria. Cf. *Manifeste des soixante* (Ouvriers de la Seine, 17 février 1864). www.monde-nouveau.net/spip.php/article72). Acesso: 22 março 2022.

com voz própria suas aspirações, desejos e reivindicar direitos, nas próximas eleições. Eles estão entre os fundadores da 1^a Internacional que defenderam a autonomia dos produtores livremente associados e se posicionaram contra os partidários de Marx, considerados, por eles, adeptos do socialismo autoritário que pretendiam organizar o trabalho por um poder tutelar.

Para Proudhon, a ideia revolucionária não pode ser forjada fora da prática, pois “a ideia nasce da ação e deve voltar à ação”. Cada trabalhador deve ser um agente ativo responsável pela sua ação e pelo seu aporte à coletividade. O engajamento é, portanto, individual e coletivo. A sensibilidade antiestatal de Proudhon revela seu apego apaixonado à vida social autogestional. Na anarquia positiva, a sociedade futura será autoadministrada, autogovernada, sem separação entre dirigentes e executantes e sem domínio exterior a ela.

A concepção de revolução em Proudhon está atrelada à de justiça, são interdependentes. A justiça é essencialmente social e sintetiza o princípio a reger a sociedade libertária por ele imaginada. O imaginário, em Proudhon, não se dissocia do real. É na crítica do presente que ele elabora a sociedade futura. Ansart retoma as análises de G. Gurvitch (ANSART, 1984, p. 267) para mostrar como a justiça é uma relação afetiva a si mesmo e ao outro, um sentimento que reafirma a ligação do indivíduo à coletividade, pois pela justiça o homem tem intuição da dignidade do outro. Justiça é a forma das relações sociais na sociedade socialista libertária, o paradigma da sociedade igualitária e compõe sua filosofia da imanência. Proudhon denuncia o perigo das doutrinas de transcendência em que a relação superior/inferior legitima a obediência e ensina o respeito à autoridade. Dentre elas, a religiosa.

Para ele, a religião remete a uma transcendência divina, sagrada, superior e legítima a relação de obediência. Ao mesmo tempo que promove a formação de uma comunidade de indivíduos associados ao conectar pessoas e criar um imaginário comum, opera a submissão dos fiéis à alienação destrutiva da sua autonomia. Enquanto o homem é visto como um ser em progresso, Deus é concebido na sua imobilidade.

Proudhon indaga: “Se Deus simboliza imobilidade, o destino, o mal necessário e se o homem busca o progresso e a libertação, não haveria uma antinomia essencial na qual Deus seria a imagem simbólica do inimigo da

sociedade?²⁷ (ANSART, 1984, p.180,182). Daí sua frase célebre: “Deus é o mal”, uma vez que o ser supremo, absoluto, seria o antípoda da humanidade.

Para Proudhon, a mensagem de Cristo não era especificamente religiosa, mas voltada à vocação social e, de certa maneira, revolucionária. Jesus era senhor de si, insurgente, sua mensagem primitiva, originalmente crítica e libertadora foi esquecida e, ao longo dos anos, sofreu uma inversão pela Igreja Católica, ao ser utilizada para santificar as hierarquias romanas, feudais e depois capitalistas (ANSART, 1984, p. 176). Na crítica anticlerical, a Igreja é concebida como instituição religiosa que desvitaliza a consciência individual e social e assegura a passividade dos crentes.

Contra os três poderes transcendentes ao homem (Capital-Estado-Igreja), Proudhon manifesta sua indignação e se revolta. No movimento do seu pensamento dialético de negação/afirmação, acusa o trio, pilar de sustentação do sistema capitalista, de ser o responsável pelas mazelas vivenciadas pelos trabalhadores e propõe sua derrubada para que se possa edificar a sociedade socialista libertária, na qual não haverá lugar para poderes exteriores.

Com sua crítica à tríade de alienações, três formas de opressão que se amparam mutuamente, Proudhon se opõe aos conservadores, liberais, republicanos e socialistas, que defendem o direito à propriedade, a centralização do poder e projetos utópicos. Adepto da autogestão, critica o comunismo de Karl Marx, que tende a destruir a autonomia dos produtores dentro de uma homogeneidade despótica, como bem observa Ansart. (ANSART, 1970, p. 78).

O (des)encontro Marx-Proudhon

Marx se aproximou de Proudhon ao ler *O que é a propriedade?* e o elogiou pela sua independência em relação a toda escola de pensamento, um livre pensador. Ansart chama atenção para os pontos de convergência entre

27 “Si Dieu symbolise l’immobilité, le destin, le malheur nécessaire, et si l’humanité recherche le progrès et la délivrance, n’y aurait-il pas, une antinomie essentielle dans laquelle Dieu serait l’image symbolique de l’ennemi de l’humanité?”.

Marx e Proudhon, que compartilham a mesma fórmula: “a emancipação da classe trabalhadora há de ser obra dela mesma”. No entanto, as divergências entre eles afloram, inicialmente, numa troca de correspondência em maio de 1846, na qual Proudhon declina o convite de Marx de ser o correspondente francês na troca de informações entre comunistas e socialistas alemães, franceses e ingleses com vistas a preparar a ação revolucionária. Justifica sua recusa ao declarar ser contra o dogmatismo e contra o apelo à força ao afirmar: “prefiro, portanto, queimar a propriedade em fogo brando em vez de dar-lhe uma nova força, realizando uma Noite de São Bartolomeu dos proprietários”²⁸ (ANSART, 1984, p. 57).

A desavença ganha tom agressivo quando da publicação do *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*, em 1846, livro em que Proudhon propõe um novo modelo de pensamento dialético baseado em antinomias para compreender a realidade social, expõe as contradições do sistema capitalista e condena o comunismo que enseja um poder tutelar para gerir a nova sociedade. Marx rebate as críticas no livro *Miséria da Filosofia*, publicado em 1847, e chama Proudhon de “pequeno burguês”, atributo que permaneceu no correr dos anos.

Ansart analisou com acuidade a obra desses dois pensadores com sensibilidades políticas distintas e reconheceu a contribuição de Marx como de fundamental importância para compreensão da dinâmica capitalista. Uma das observações de Ansart sobre a querela Marx-Proudhon foi o incômodo de Marx diante do reconhecimento pelos trabalhadores franceses das suas aspirações no ativismo de Proudhon. Também destacou como a questão econômica é determinante na obra de Marx e a polarização da sociedade em duas classes definidas essencialmente em termos econômicos apontam para uma análise metodológica centrada na questão econômica e na luta de classes. Ansart salienta que as atitudes afetivas dos indivíduos e dos grupos necessitam outros modos de percepção e de conhecimento para se entender como as paixões se polarizam e os conflitos se manifestam. (ANSART, 1970, p. 25). Nos escritos voltados para a análise da obra prudhoniana, é de se notar uma valorização psicossocial das ideias de Proudhon quando confrontadas com as de Marx, mais centradas na questão econômica.

28 “je préfère donc faire brûler la propriété à petit feu, plutôt que de lui donner une nouvelle force, en faisant une Saint-Barthélemy des propriétaires”.

Ansart ressalta que Marx, Engels e depois Lenin condenaram as ideias de Proudhon, mas retomaram suas teses, sem o citar, nos momentos decisivos da história. Um dos exemplos foi a apologia de Marx ao caráter antiestatal da Comuna de Paris, que se encontra no seu livro *Guerra Civil na França*. Ao descrever e interpretar a Comuna de Paris, Ansart salienta que as palavras por ele usadas em 1871 são as mesmas que Proudhon empregou para caracterizar a revolução socialista libertária. (ANSART, 1984, p. 156). De igual maneira, Lenin, às vésperas da Revolução de Outubro de 1917, retoma, através de Marx, as ideias de Proudhon sobre a necessidade de suprimir o poder do Estado, mas logo após a revolução bolchevista abraça o comunismo governamental que Proudhon não cessou de denunciar e temer.

Marx e Proudhon são alçados a clínicos das revoluções. Ansart faz uso da metáfora médica para designar os dois como investigadores dos problemas a afetar a vida dos trabalhadores na nascente sociedade industrial europeia e, após o diagnóstico, propor soluções para dissipar os males que afligem os que vivem do esforço do trabalho. Ansart dedica um capítulo do seu livro *Les cliniciens des passions politiques* a Marx, com enfoque no tema da paixão revolucionária. Por sua vez, a atitude clínica de Proudhon, interessado mais na questão social do que nas reflexões políticas dos seus contemporâneos, é analisada no artigo *Proudhon, clinicien du social* (Proudhon, 1996).

A atitude clínica em Proudhon

Ansart afirma que a vocação clínica não é novidade entre os reformadores que se destacam no século XIX. Cita Saint-Simon, Eugène Buret e os fourieristas, que estudaram e analisaram as causas da miséria que assolava os trabalhadores e propuseram reformas como remédios para a cura das desigualdades arroladas nos diagnósticos. No texto, *Proudhon, clinicien du social*, publicado em 1996, Ansart ressalta a diferente percepção dos sintomas na investigação clínica proudhoniana que não se limita à análise econômica do sistema capitalista e inclui a dominação política, que submete o indivíduo ao controle do Estado, e a alienação espiritual que nutre o respeito à autoridade transcendente e prega obediência. A miséria é diagnosticada como consequência das três formas de opressão que se

complementam e se reforçam mutuamente e exigem solução terapêutica diferenciada. O que difere na atitude clínica de Proudhon é o levantamento alargado dos sintomas para compor o diagnóstico e a recusa à reforma como solução para as desigualdades denunciadas.

Para Ansart, a análise explicativa da realidade social observada por Proudhon não se restringe ao levantamento de problemas e de propostas paliativas como solução. Ele aposta na possibilidade real de mudança e na construção da sociedade socialista libertária mutualista na qual não vicejarão os mecanismos de opressão exteriores à vida social e, portanto, passíveis de serem extirpados. A ruptura entre o presente e o futuro será feita pela ação espontânea dos trabalhadores mobilizados para afrontar os três adversários que se movimentam em campos distintos (econômico, político e simbólico), mas atuam conjuntamente. Salienta que o tempo do diagnóstico é diferente do tempo da terapia. Esta, mais longeva, demanda tempo para suscitar a ação coletiva. Para conquistar o autogoverno apregoado por Proudhon, era preciso os trabalhadores se organizarem e se mobilizarem para o enfrentamento dos desafios e das resistências à mudança.

A atualidade de Proudhon

Em seus escritos, Ansart apresenta Proudhon como um pensador que, passado mais de um século e meio da sua morte, continua a provocar comportamentos contraditórios, divergências passionais de amor e ódio entre os seus leitores; *maitre à penser* do socialismo para uns e inimigo da sociedade para outros. Afirma que “a história do prudhonismo é estranhamente marcada de aprovações e reprovações, de leituras entusiastas e de refutações indignadas” (ANSART, 1997, p. 17)²⁹. Proudhon “permanece um autor estranhamente irritante como se sua obra, de alguma forma, permanecesse atual e fonte de ameaça” (ANSART, 1997, p. 17)³⁰. Seus escritos ainda

29 “L’histoire du prudhonisme est étrangement marquée d’approbations et de condamnations, de lectures enthousiastes et de réfutations indignées”.

30 “Proudhon reste un auteur étrangement irritant, comme si son oeuvre restait présente, de quelque façon, et source de menace”.

despertam reações negativas ou positivas. Essa querela de interpretações, esse vigor das polêmicas mostra a singularidade e a atualidade da sua obra.

Sob a perspectiva da crítica das três alienações que escolhi para abordar neste ensaio, é possível destacar, em Ansart, a intensidade afetiva nas proposições formuladas que, até os dias atuais, despertam emoções contraditórias de admiração e de repulsa. Para além das conjunturas históricas e a diversidade de situações, a crítica prudhoniana toca em problemas ainda não resolvidos na sociedade contemporânea como, por exemplo, as relações dos cidadãos com o Estado que não cessam de oscilar da confiança às hostilidades segundo as conjunturas e interesses das diferentes classes sociais que apontam para uma ambiguidade afetiva frente ao Estado. Se o poder estatal pode fascinar e se mostrar sedutor para alguns, Proudhon adverte que o Estado se apropria da vontade política do cidadão e age com violência surda que hoje se junta à experiência de uma tecnocracia ameaçadora. Por sua vez, o ressurgimento dos fundamentalismos e a agressividade no modo de agir dos seus adeptos mostram a importância da análise de Proudhon sobre o perigo da alienação religiosa na geração dos ódios, terroristas e guerras. Também permanece atual a crítica da propriedade como fonte de contradições. Se a propriedade é fonte de alegria aos que a possuem, causa sofrimento aos despossuídos, personagens centrais na construção do pensamento-ação de Proudhon.

As reflexões de Pierre Ansart sobre o anarquismo prudhoniano reavivam a importância da recusa e da resistência às iniquidades que grassam nos tempos sombrios que vivenciamos na contemporaneidade.

Referências

- ANSART, Pierre. *Sociologie de Proudhon*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- ANSART, Pierre. *Naissance de l'anarchisme. Esquisse d'une explication sociologique du prudhonisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.
- ANSART, Pierre. *Proudhon: Textes et débats*. Paris: Librairie Générale Française, 1984.

ANSART, Pierre. La présence du prudhonisme dans la sociologies contemporaines. In : *Mil neuf cent*, n. 10, 1992.

ANSART, Pierre. Proudhon, clinicien du social. In : *Archives Proudhoniennes*. Bulletin Annuel de la Société P.-J.Proudhon. Paris, 1996, p.3-13.

ANSART, Pierre. Proudhon à travers le temps. In : *L'Homme et la Société*, n^a 123-124, janvier-juin, 1997. Actualité de l'anarchisme, p. 17-24.

ANSART, Pierre. *Les cliniciens des passions politiques*. Paris : Ed. du Seuil, 1997.

ANSART, Pierre. Proudhon, une philosophie pratique du travail. *Actes du Colloque de la Société P.-J.Proudhon*. Paris, 19 janvier 2008. Publication de la Société P.-J.Proudhon, p. 69-81.

ARCHIVES PROUHDONIENNES. Trentenaire de la Société P.-J. Proudhon. Bulletin Annuel dela Société P.-J. Proudhon. Paris, 2012.

FOUGEYROLLAS, Pierre. Pierre Ansart, sociologue des ideologies e des sociologies. In: AUBERT, France (org.) *Variations Sociologiques. En hommage à Pierre Ansart*. Paris :L'Harmattan, 1992, p. 11-18.

GAILARD, C. E NAVET, G. *Dictionnaire Proudhon*. Bruxelles : Éditions Aden, 2011.

PESSIN, Alain & PUCCIARELLI (org.). *Pierre Ansart &L'anarchisme prudhonien*. Lyon :Atelier de Création Libertaire, 2004.

PROUDHON, Pierre Joseph. *Les confessions d'un révolutionnaire pour servir à l'histoire de la Révolution de Février*. Paris : Librairie des Sciences Politiques et Sociales Marcel Rivière, 1929.

PROUDHON, P. J. *O que é a propriedade ?* Lisboa : Editorial Estampa, 1975.

PROUDHON, P.J. *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria*. Tradução José Carlos Morel. São Paulo : Ícone Editora, 2003.

RECEBIDO EM: 04/04/2022
APROVADO EM: 11/04/2022